



Torre de Belém en la Ciudad de Lisboa - Portugal

"Não existe uma política para a tradução em Portugal"

Francisco José Magalhães, ex presidente de la Asociación Portuguesa de Traductores describe en esta entrevista la falta de una política que organice la vida del traductor en Portugal y dice, por ejemplo, que los requisitos para trabajar en la Justicia son mínimos. También sostiene que las culturas brasileña y portuguesa se retroalimentan y que se estudia portugués en lugares como Japón para acceder a la cultura lusófona.

—Como se faz para ser tradutor em Portugal?

—Em Portugal chega-se à tradução por via da competência filológica, técnica e contactos pessoais.

—Quais são os requisitos que o tradutor deve cumprir para trabalhar na área jurídica, por exemplo?

—Em Portugal não são exigidos requisitos para ser tradutor. Depende do "cliente". Não existe uma política para a tradução nem há uma tradução política do que se passa nos restantes países da União Europeia. Portugal é o único país membro da UE que não tem tradutores ajuramentados. O que se chama em Portugal uma tradução certificada é apenas o reconhecimento da assinatura do tradutor nos serviços notariais (públicos ou privados). Mas ninguém pergunta ao tradutor se sabe ler e escrever. Os tradutores (e os intérpretes) de tribunal não têm de dar provas de competência. O juiz pode convocar qual-

quer cidadão nacional ou estrangeiro que suspeite saber línguas e obrigá-lo a fazer de tradutor (ou de intérprete). Já aconteceu que uma empregada de restaurante chinês fosse obrigada a fazer de intérprete. Perante a situação caótica, a Associação Portuguesa de Tradutores iniciou, nos anos 90, junto do Ministério da Justiça o processo de regulamentar a profissão de tradutor e de intérprete ajuramentado. Durante 5 anos, as 3 associações de tradutores e de intérpretes, a Procuradoria-Geral da República, os Serviços Notariais e os Estudos Judiciais do Ministério da Justiça apresentaram um projecto de Decreto-Lei que regulamentaria a profissão. Aguardamos desde 2001 a sua homologação. Nesse ano, por mera coincidência, saiu um Decreto-Lei que concede aos advogados a certificação das traduções. Desde então, o Ministério da Justiça alega que "o caso está ainda em estudo" e assim ficará até que tudo fique esquecido.

—Em que consiste a formação universitária do tradutor, tanto no curso inicial como no aperfeiçoamento?

—Em Portugal o ensino da tradução começou em 1962 no Instituto Superior de Línguas e Administração de Lisboa. No sistema universitário público, o primeiro curso foi aprovado pelo Decreto-Lei nº 316 de 1983, a pedido da Universidade do Porto. Actualmente existem mais de 25 cursos superiores de tradução distribuídos por universidades públicas e privadas, institutos politécnicos e institutos superiores privados. As universidades públicas formavam tradutores a nível de pós licenciatura e tinha uma duração de 2 anos. As restantes instituições ofereciam licenciaturas de 4 ou 5 anos, seguidos de pós-graduações e de mestrados. Desde 2006/2007 que o Programa de Bolonha impõe licenciaturas de 3 anos e mestrados de 2 anos. Os doutoramentos existentes são geralmente na área da

literatura comparada ou similar. É de sublinhar que são poucos os formadores de tradutores com experiência profissional na área da tradução. Por um lado, alguns destes formadores adquirem o estatuto de "tradutor profissional" depois de leccionarem durante anos. Basta-lhes traduzir duas páginas de literatura medieval ou de textos de sânscrito, a partir do inglês, para se intitulem "tradutores profissionais". Por outro lado, para encher o curriculum, alguns formadores disponibilizam-se para traduzir gratuitamente, o que baixou a qualidade do trabalho e a remuneração dos profissionais. Existem também casos de formadores que são simultaneamente empresários de tradução, tradutores e formadores de tradutores. Esta promiscuidade permite-lhes "oferecer trabalho" aos alunos, obtendo desta forma generosa mão-de-obra gratuita. Em Portugal, ao excesso do número de cursos corresponde, forçosamente, um excesso de diplomados em tradução. Todos os anos entram (ou tentam) entrar no mercado de trabalho centenas de licenciados em tradução, o que é demais para um sector tão frágil e já com uma mão-de-obra excedentária. Como é sabido, a concorrência não se faz pela qualidade.

—O tradutor deve estar inscrito em alguma associação para poder trabalhar?

—Não. O exercício da tradução é livre. Nos países da UE a tradução não é uma profissão, mas uma ocupação. Conhecido o excepcional individualismo dos portugueses, a percentagem de tradutores inscritos na Associação Portuguesa de Tradutores é muito baixa. O que é elevado, é o grande número de tradutores que pagam apenas a primeira quotização e se dizem membros da APT para o resto da vida.

—Qual é a importância do idioma português dentro do contexto da União Europeia?

—Depende do que estamos a falar. Se falarmos do ponto de vista da emigração portuguesa, há cerca de 3 milhões de falantes portugueses espalhados pela UE. Se falarmos do ponto de vista económico, a língua portuguesa não tem expressão na Europa. Se falarmos do ponto de vista oficial, os nossos políticos exprimem-se em inglês. Um comissário europeu de nacionalidade portuguesa

sugeriu que os serviços portugueses de tradução passassem para Madrid! A língua portuguesa tem algum eco no desporto, em particular no futebol. Todos os europeus sabem dizer Mourinho, Figo e Ronaldo (julgo que é assim que se escreve). Ao nível das elites, toda a Europa já ouviu falar de Camões, de Fernando Pessoa e de Saramago (que passa por escritor espanhol). Não é o único caso. A grande pintora Helena Vieira da Silva passava por ser francesa. Os primeiros filólogos/terminólogos de língua portuguesa nos serviços de tradução da Comissão Europeia eram brasileiros, que, como se sabe, têm um padrão linguístico e terminológico diferente nas áreas técnicas e científicas.

—O português é uma língua estudada por um importante número de estrangeiros?

—Referindo apenas o português europeu e a dimensão da população portuguesa, pode-se dizer que sim. Durante anos, era possível estudar português como segunda língua nas escolas francesas. A partir de 2007 o português tornou-se uma língua obrigatória nas escolas espanholas que estão perto da fronteira portuguesa. Algumas dessas crianças serão, sem dúvida, bilingues, isto é, serão cidadãos ibéricos. Ainda em Espanha, a aprendizagem da língua portuguesa nas Universidades é muito idêntica ao francês ou é mais procurada, em particular na Galiza. Não nos podemos esquecer que o português é uma língua oficial em Macau, uma das mais importantes economias mundiais. Há um número significativo de chineses que estudam português em Pequim ou em Macau. O português é uma língua oficial em Timor, depois de ser a língua de resistência durante a ocupação indonésia. As elites de Goa ainda hoje falam português. Muitos técnicos ao nível mundial falam correctamente português do Brasil, país onde trabalharam anos.

—O português resiste com força à pressão do inglês na era da globalização?

—Não. A globalização é feita em inglês. Mesmo os que são contra a globalização exprimem-se em inglês. O inglês é incontornável. Nenhuma língua no mundo pode resistir à sua pressão, por, pelo menos, duas razões: a) os países anglosaxónicos são grandes potências militares, económicas, políticas, científicas



Francisco José Magalhães

1942 - Porto - Portugal

Es doctor en Ciencias de la Educación por la Universidad de Caen, Francia. Estudió Historia y Sociología del Cine en la *École Pratique des Hautes Études*, Universidad de la Sorbona, Paris IV y se diplomó en Teatro en el Conservatorio nacional de teatro de Lisboa. Desde 1970 es traductor técnico y literario en Lisboa, París y Londres. Sus lenguas de trabajo son español, francés, inglés y portugués.

Ha publicado los siguientes libros: *Étude Sociologique du Film 'Le Procès' d'Orson Welles, d'après Kafka*, ÉPHÉ, Paris, 1975; *Na Rota de Byron em Portugal*, Lisboa, 1988; *Lisboa 1809 - Diário de John Cam Hobhouse*, Livros Horizonte, Lisboa, 1993; *Da Tradução Profissional em Portugal* (Estudo sociológico), Edições Colibri, Col. Voz de Babel, Lisboa, 1996; *Diálogos à Margem do Tejo*, Editorial Roma, 2005; *O Professor Perini*, Edição do Autor, Colección Ficción, 2007; *Retratos de Viagem*, Edición de Autor, Colección Poesía, 2007; *Poemas Migratórios*, Edición de Autor, Publicación Bilingüe, 2007.

Fue presidente de la ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE TRADUTORES de 1992 a 2007; miembro de ADVISORY COMMITTEE OF LANGUAGE & THE MEDIA da Federação Internacional de Tradutores entre 1998 y 2002; Representante de Portugal en la FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TRADUTORES de 1994 a 2000; Representante de Portugal en el Consejo Europeo de las Asociaciones de Tradutores Literarios entre 1992 y 2006 y es miembro de la Sociedade Portuguesa de Autores desde 1987.

e artísticas; e b) a flexibilidade da língua. Portugal nunca será uma potência militar, económica e política. O Brasil e Angola poderiam ser potências económicas, se os seus dirigentes não estivessem determinados a enriquecerem-se primeiro. Enquanto a corrupção material for a ideologia predominante, o mundo lusófono não terá expressão além fronteira.

—E ao mesmo tempo adquire novos termos, a língua tem uma mutação permanente?

—Sem dúvida. O português falado no Brasil e em Portugal no tempo das ditaduras não é o mesmo de hoje. A democracia e a liberdade de expressão a ela associada permitiram essa mutação, diria, profunda. Basta ler os jornais e as obras de carácter científico e literário. Políticos como Mário Soares (Portugal), Lula da Silva (Brasil) e Xanana Gusmão (Timor) e os poetas/ políticos como Agostinho Neto e Mário de Andrade (Angola), o próprio Saramago (Portugal), e dezenas de romancistas, poetas e cantores lusófonos têm contribuído muito para a renovação da mentalidade da língua portuguesa.

—Quais são as diferenças básicas que existem entre o português de seu país e o que se fala no Brasil? Ritmo, entoação, vocabulário...?

—As diferenças mais visíveis e audíveis, por assim dizer, são o ritmo e a entoação. O ritmo é mais colorido e tropical do lado brasileiro. A entoação é mais aberta e mais fácil de compreender no Brasil. Quase todos os estrangeiros dizem que é mais difícil perceber o português europeu. Existe algumas diferenças ortográficas, que os políticos e lexicógrafos à procura de mediatização querem unificar. O acordo ortográfico entre os países lusófonos é a expressão do nosso provincianismo. Nunca se ouviu dizer que os anglo-saxónicos e os falantes de espanhol se preocupassem com a uniformização da língua de Shakespeare e de Cervantes, de Sepúlveda, de Cortázar ou Borges.

—Há uma relação de enriquecimento cultural mútuo entre ambos os países?

—Existe, mas em doses desproporcionais. Desde logo a dimensão do mercado é diferente em ambos os lados do

Atlântico. Os portugueses vêem 5 horas por dia de telenovelas brasileiras. De certeza que os brasileiros não vêem —diariamente— uma hora de telenovelas portuguesas, uma vez que a produção é mínima deste lado do Atlântico. Os portugueses sempre tiveram uma empatia pela cultura brasileira. O contrário nem sempre foi verdade. A grande vaga de emigração brasileira para Portugal fez descobrir, ou redescobrir, a cultura portuguesa no Brasil. Escritores como Padre António Vieira, Eça de Queirós e Fernando Pessoa e, agora, Saramago, têm grande impacto no Brasil. Entre os melhores especialistas destes autores portugueses encontram-se brasileiros. Por seu lado, a literatura, o teatro, o cinema, as artes plásticas e a música (erudita e ligeira) brasileiros foram sempre muito bem acolhidos em Portugal. Por razões históricas conhecidas, o património arquitectónico português no Brasil é muito rico e variado. Ao nível do turismo, nem todos os brasileiros que vinham à Europa visitavam Portugal. Hoje em dia a situação é diferente. No outro sentido, já se pode falar em turismo de massa português no Brasil, com uma expressão económica crescente.

—Quais são os idiomas mais requeridos para o trabalho do tradutor português?

—O idioma mais traduzido é o inglês, seguido de longe, mas em partes iguais, pelo espanhol e o francês. A terceira língua é o alemão. Seguem-se o ucraniano, o romeno, o russo e o chinês. Em Portugal falam-se actualmente mais de 100 línguas. A recente vaga de emigração chinesa levou o governo português a promulgar uma lei que obriga que alguém fale português nos restaurantes e nas lojas de venda a retalho. Isto fez com que muitos chineses estudassem português. É frequente ouvirmos crianças chinesas a falar correctamente português.

—Se tivesse que definir ou exemplificar brevemente, diria que o português é o idioma da cultura, dos negócios, da política, da música, da história.... Por quê?

—Na minha opinião, fora do espaço lusófono, o português não é uma língua de cultura. O que é uma língua de cultura? O aramaico, o árabe, o grego, o la-

tim e o espanhol do século XII (Toledo) foram línguas de cultura no passado. O hindi foi uma língua de cultura nos países asiáticos que seguiam o hinduísmo. Basta ler a história da tradução para confirmar isso. O francês foi uma língua de cultura. Hoje é uma língua de cultura residual no Vietname, na América Latina (na Argentina, por exemplo) e em alguns países da Europa. A cultura universal entrou nas cortes da Rússia e da Europa Central (e nas demais cortes europeias) através do francês.

Hoje em dia a língua de intercâmbio cultural, no sentido abrangente, é o inglês.

O mais que se pode dizer, é que o português não tem expressão no mundo dos negócios e da política internacional.

Quanto à história e à música, é diferente. Em relação à história, os navegadores portugueses levaram a ciência europeia até então conhecida pelas costas de África, Ásia e Brasil. Os japoneses descobriram a Europa através dos missionários portugueses. Os japoneses convertidos ao cristianismo aprenderam o latim aporuguesado (ou o português latinizado) dos religiosos e sabiam o que se passava na corte portuguesa e no resto da Europa. Hoje, para apenas falar deste país asiático, a música portuguesa europeia é muito apreciada nesse país. Há japoneses que começaram a estudar português para melhor compreender os Madre Deus, a Mariza e o fado em geral. Foi a música única de José Afonso que levou muitos espanhóis a descobrirem Portugal. Na música clássica, uma das mais famosas pianistas mundiais é a Maria João Pires. E a lista seria relativamente longa na história da música erudita portuguesa. É difícil resistir a dois nomes de referência: Luísa Todi (1753-1833), uma cantora de ópera famosa em Madrid, Londres, Paris e Roma, e Guilhermina Suggia (1885-1950), brilhante violoncellista internacional, artisticamente "neutralizada" por via do casamento com Pablo Casales, que a proibiu de actuar em público.

E, claro, poderia referir muitos mais exemplos do português como língua de cultura internacional citando autores do Brasil, Angola, Moçambique e Cabo Verde.